

Patrícia Vaz Prudente Corrêa

**“O Pequeno Príncipe”: uma análise na perspectiva
winnicottiana.**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

PATRÍCIA VAZ PRUDENTE CORRÊA

**“O Pequeno Príncipe”: uma análise na perspectiva
winnicottiana.**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Prof. Dra. Rosa Maria Tosta

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2011

Rua Monte Alegre, 984 – São Paulo/SP – CEP 05014-901 – Fone: (11) 3670-8000 – [HTTP://www.pucsp.br/](http://www.pucsp.br/)

Minha casa escondia um tesouro no fundo do seu coração...

O Pequeno Príncipe

À Luiza e Cadu, meus pais, responsáveis por tão queridas lembranças e
futuras esperanças. Amo vocês.

Agradecimentos

Ao Ricardo, meu amor, pela paciência, carinho e acolhimento. Somos.

Ao meu avô Herculano por, desde pequena, me ensinar o valor de uma boa história.

A minha querida e eterna protetora avó Luiza.

Ao meu irmão Caio pelas brigas e ternura.

A Sandra, por viver sempre ao meu lado.

As minhas meninas, que nestes cinco anos de vida se tornaram não somente meus amores como também parte de minha família. Tantos risos sorridos, tantos segredos compartilhados, tantas lembranças criadas, tanto amor construído...

A minha parecerista, Cecília Faria, por aceitar ler minha história com um sorriso espontâneo e um abraço caloroso. É uma honra.

A minha orientadora pela companhia e direcionamento no caminho trilhado em todo esse ano de trabalho.

A PUC e meus professores, pelo precioso ensino.

A Chu e meu grupo de estudos por me apresentarem Winnicott, e comigo descobrirem sua importância em minha formação teórica.

Patrícia Vaz Prudente Corrêa: “O Pequeno Príncipe”: uma análise na perspectiva winnicottiana, 2011. Orientador: Prof. Dra. Rosa Maria Tosta

Palavras chave:

O Pequeno Príncipe

Literatura

Winnicott

Criatividade

Saúde

Resumo: Este trabalho tem como objetivo percorrer a possibilidade de uma análise literária psicanalítica, a partir da obra winnicottiana, do livro O Pequeno Príncipe. Dessa maneira, foi realizada uma discussão a respeito da interpretação psicanalítica de um texto literário, a fim de encontrar os possíveis caminhos e limitações no que diz respeito a esse tipo de aproximação: psicanálise e literatura. Além disso, apresentei dados sobre a obra e vida do autor Antoine de Saint-Exupéry, procurando deixar o leitor a par da grande história e fenômeno literário que se tornou essa obra infantil. Em seguida, expus sobre o Conceito de Indivíduo Saudável e Criatividade para Winnicott, com o intuito de utilizá-los como base para a interpretação do livro O Pequeno Príncipe. Foi então que, à luz dos conceitos propostos por Winnicott, apresentou-se uma análise do príncipezinho e sua rosa em uma relação mãe-bebê, bem como a interpretação de outros personagens.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 8 |
| Método..... | 10 |
| Sobre o Autor e a Obra..... | 12 |
| Sobre Psicanálise e Literatura..... | 18 |
| O conceito de indivíduo saudável..... | 27 |
| Criatividade..... | 41 |
| O Pequeno Príncipe: uma análise..... | 50 |
| Considerações Finais..... | 69 |
| Referências Bibliográficas..... | 70 |



Introdução

Deparei-me a primeira vez com O Pequeno Príncipe quando tinha apenas 13 anos de idade. Nesse tempo, intrigada pelos comentários “suspirantes” sobre o livro, fui por mim mesma descobrir o que havia de emocionante escrito naquelas linhas. Pensei: “Legal”, mas pouco entendi sobre o que aquele menino e o avião diziam. Minha segunda leitura fiz aos 16 anos, e foi quando me apaixonei pelo livro. A rosa e a raposa se tornaram símbolos importantes para mim. Já a terceira leitura fiz quando estava cursando o segundo ano de psicologia, e tive acesso a pensamentos tão profundos e inspiradores que pude dizer a mim mesma que aquele não era somente um livro para crianças, mas sim uma história sobre relações humanas.

Desde criança a literatura esteve presente em minha vida. Para quando fosse maior, meus pais, tios e avôs registraram em um pequeno diário momentos de meu nascimento, bem como a figura do meu pé, dados físicos, o primeiro corte de cabelo, o primeiro banho de sol. Este registro conta para mim não somente sobre minha fase de bebê e meus hábitos, mas também quem estava ao meu redor. Em um livro tenho registrado partes importantes sobre a constituição de quem eu sou.

Meu pai, fascinado por uma câmera fotográfica, nunca deixou escapar uma viagem em família e aniversários, ou então aqueles comuns e mesmo assim tão especiais momentos em que se passa com quem amamos. Ele é responsável por criar gigantes “livros” fotográficos. Lembro quando pequena de sempre me deparar com dois ou três livros na cabeceira de minha mãe e meus avôs, e me perguntar o que será que havia naquelas obras que os despertassem tanto interesse. Meus maiores presentes sempre foram cartas, e as palavras sempre foram meios que encontrei para dizer melhor o que sentia.

Assim como todas essas lembranças, que constituem muito sobre a minha subjetividade, acredito que há em toda obra, dados de experiência humana responsáveis por transformar palavras em verdadeiros acessos ao interno de quem as lê. Entre o leitor e o livro ocorre sempre uma troca. Surgiu daí meu legítimo interesse em pesquisar, utilizando-me da teoria de Winnicott, as possíveis análises de uma obra literária, que a fazem tão inesquecíveis ao imaginário humano.

Já com o autor D. W. Winnicott encontrei em meu terceiro ano de faculdade. Fascinada por aquelas palavras poéticas, entrei em um grupo de estudos de suas obras no qual estou já há dois anos. Apaixonei-me novamente.

Utilizo-me de Ana Cecília de Carvalho, em seu artigo “Impasses de uma crítica literária psicanalítica” (s.d), para justificar e apresentar os objetivos de meu trabalho. A autora nos apresenta que uma interpretação literária não busca uma verdade absoluta sobre o que o autor escreveu, ou o que intencionava dizer, mas sim, poder perceber e analisar os efeitos que tal obra tem em quem as lê. Assim, a partir de minhas questões iniciais explicitadas acima, e encorajada pela afirmação desta autora, procuro neste trabalho analisar e aplicar a psicanálise escrita por Winnicott, ao livro O Pequeno Príncipe.

Conto essa história, pois acredito que todos os trabalhos, assim como todos os livros, trazem consigo algo da pessoa que o faz. Quando me deparei com o dilema de realizar este trabalho, optei por escrever sobre duas coisas que me apaixonam: a teoria de Winnicott e o livro O Pequeno Príncipe.

Método

Este trabalho trata-se de uma pesquisa teórica, onde será utilizado como principal referencial as concepções de saúde e criatividade escritas pelo psicanalista D. W. Winnicott, para análise do livro O Pequeno Príncipe.

O primeiro capítulo é reservado à apresentação da vida e obra de Antoine de Saint-Exupéry ao leitor. Importante ao analisar e pensar sobre a obra é também conhecer sobre a vida de quem a escreve. No livro O Pequeno Príncipe, a trama se cria quando o próprio autor, em meio a uma pane no motor de seu avião, se vê obrigado a aterrissar no deserto e encontra o príncipezinho

No segundo capítulo, pretende-se explicar sobre as possíveis aproximações entre psicanálise e literatura. Nota-se que entre ambas criam-se relações muito estreitas, onde uma irá direcionar-se à outra em busca de sentidos, interpretações e auxílio teórico e metafórico. A psicanálise é convocada a comentar sobre personagens e conteúdos literários e do autor, bem como explicar os processos de criação e fruição artística; já as artes são utilizadas à psicanálise, muitas vezes, como exemplares de processos psíquicos ou patológicos comuns ao ser humano.

No terceiro capítulo se apresentará um conceito chave na obra de Winnicott chamado “O conceito de indivíduo saudável”. Neste, o psicanalista discorre sobre a importância de uma mãe suficientemente boa na criação de seu bebê, sendo esta relação responsável pela saúde experienciada na vida adulta deste indivíduo. Uma criança que recebeu do ambiente cuidado e carinho é capaz de integrar-se em uma unidade, constituindo um indivíduo saudável e criativo. Este adulto deverá então ser capaz de

viver em sociedade, em relação com o mundo compartilhado, porém de modo único e criativo, proporcionando uma experiência singular do viver.

O quarto capítulo servirá como continuidade do anterior, tendo como enfoque o conceito de criatividade. Por criatividade, Winnicott entende algo comum a todo ser humano e não um dom reservado a poucos. Ela estaria presente no colorido que o homem dá à sua existência, e não somente no quadro pintado por um famoso artista. O indivíduo saudável é aquele que diante de seu impulso criativo inventa receitas, brincadeiras, desenhos entre outros, e agrega valor a tal criação e experiência.

No quinto capítulo se apresentará uma análise da obra O Pequeno Príncipe, baseada principalmente, nos conceitos discutidos anteriormente sobre saúde e criatividade. Temos esmiuçadas as relações do Pequeno Príncipe com cada um dos personagens, apontando para questões apresentadas na história, comuns às relações humanas, que fazem da obra algo tão próximo ao vivido de cada um que a lê.

Como considerações finais deste trabalho, teremos um fechamento de toda análise realizada sobre o livro O Pequeno Príncipe. São desvendados nesta história pontos tão semelhantes sobre questões vivenciadas por todos os homens em seu cotidiano, que estes se tornam responsáveis por transformá-la em uma obra atemporal e emocionante.

Sobre o Autor e a Obra

Quem foi Antoine de Saint-Exupéry

Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry, filho do conde e condessa de Foscolombe, nasceu em Lyon na França, em 29 de junho de 1900. Terceiro de cinco irmãos, tem François, dois anos mais novo, como seu companheiro de aventuras, estando juntos no colégio. É para ele que os versos de seus sonetos eram lidos, frutos de sua criação à noite. Aos 12 anos Antoine fez com que o colocassem em um avião, e desde pequeno compunha versos e desenhos de pistões e aeroplanos em seu caderno.

Renée Zeller, em seu livro “A vida secreta de Antoine de Sait-exupéry” (1948) escreve:

(...) seus camaradas vão novamente chamá-lo de “no mundo da lua” se ele mantiver o nariz naturalmente apontado para os astros.

(...) Ele volta para casa, quer dizer, para si mesmo, e sonha. Ele já possuía, aos 14 anos, um mundo interior. (p. 13)

Aos 17 anos de idade, o jovem que admirava Nietzsche encontrava-se só em um colégio em Fribourg, uma vez que seu querido irmão François morreu no verão anterior. Preparou-se para a escola Naval, mas foi recusado, pois ao lhe darem como tema de redação: “Impressões de um soldado voltando da guerra”, respondeu:

-- Eu não fui à guerra, então acho que não posso falar nada “fingido”. (p. 15)

A partir deste fragmento extraído do livro de René Zeller, pode-se pensar o caráter biográfico que Antoine dava às suas criações. Em seu discurso defende não saber escrever sobre o soldado voltando da guerra, uma vez que dela nunca participara. Seus versos, romances e cartas ao e do Pequeno Príncipe poderiam não ser “fingidas” como acima ele defende não saber escrever, mas sim nos dando uma dica sobre a influência de sua própria vida e experiências em seu trabalho literário.

Durante seu serviço militar, começado na engenharia, em Estrasburgo, Antoine de Saint-Exupéry conseguiu ser admitido como aluno piloto na Força Aérea. Ele não apreciava o lado disciplinar do Exército e com isso, em meio a uma lição de pilotagem, aproveitou para “brincar” com os manetes e alavancas de seu avião. A aterrissagem foi terrível, e como punição o jovem foi mandado à prisão militar.

Em 1926, aos 26 anos de idade, Antoine foi aceito pela Aéropostale em Toulouse, e se tornou piloto da aviação civil. Neste período conheceu aqueles que seriam seus grandes amigos: Mermoz e Guillaumet. Ele foi nomeado chefe da praça aérea e dentre suas obrigações estava vigiar a passagem do avião postal, repará-lo em caso de necessidade, garantir a substituição se o piloto do correio regular estiver doente ou ferido, e procurar um desaparecido ou socorrer um prisioneiro. Dentre os próximos anos, em meio ao exílio do deserto, escreveu *Cidadela*, *Correio Sul* e *Vôo Noturno*.

Em 1931 a Aéropostale foi liquidada, e com isso Saint-Exupéry voltou para a França e se casou em Agay. Em dezembro de 1934, Mermoz e Guillaumet facilitaram para Antoine a empreitada pela qual este voaria pela Caudron Simoun (fabricantes de aviões na França).

Em 1936, Antoine de Saint Exupéry sobrevoou o Saara; depois realizou grandes reportagens como jornalista independente na Rússia, Indochina, e Espanha, aonde assistiu à guerra. Viajou aos Estados Unidos e, então, na Guatemala sofreu seu acidente mais grave: logo após a decolagem, foi esmagado contra o solo. Após oito dias em coma, recuperou-se dos ferimentos e escreveu *Terra dos Homens*.

O bravo aviador fez ainda duas missões de reconhecimento fotográfico, participou como piloto de guerra no 33º esquadrão aéreo, e se juntou ao Ministério da Guerra, na área de propaganda. Escreveu ainda *Piloto de Guerra*, *Carta para um Refém* e o *Pequeno Príncipe*.

O *Pequeno Príncipe* (1943), romance de maior sucesso de Saint-Exupéry, foi escrito durante o exílio nos Estados Unidos. É uma obra aparentemente simples, mas profunda em significados, apresentando todo o pensamento e a "filosofia" do autor. Apresenta personagens plenos de simbolismos como o rei, o contador, o geômetra, a raposa, a rosa, o adulto solitário e a serpente, entre outros.

Aos 44 anos de idade, considerado já velho demais para pilotar, mas ainda com grande desejo de servir a sua pátria escreveu:

Eu faço guerra a mais funda possível. Eu sou, com certeza, o decano dos pilotos de guerra do mundo. O limite de idade é de 30 anos para o tipo de avião de caça de um só lugar que eu piloto. Há pouco tempo, tive a pane de um motor a 10 mil metros de altitude acima de Annecy, na mesma hora em que fazia 40 anos... Eu passei por tudo depois voltei à esquadrilha. Esse retorno foi um milagre. Passei pela pane, o desmaio por acidente de oxigênio, a perseguição por caças e também o incêndio em vôo. Eu retribuo bem. Não me acho zeloso demais e me sinto um trabalhador capaz. É a minha

única satisfação. E também de passear sozinho de avião, sozinho a bordo, horas a fio, sobre a França...

Em 31 de julho de 1944, Antoine decolou para o que seria sua última missão e desapareceu no azul cintilante dessa manhã de verão. Não foi visto novamente.

Em 3 de novembro de 1944, em homenagem póstuma, recebeu as maiores honras do exército.

Em 2004, os destroços do avião que pilotava foram achados a poucos quilômetros da costa de Marselha, porém seu corpo jamais foi encontrado.

O livro O Pequeno Príncipe

Le Petit Prince, conhecido no Brasil como *O Pequeno Príncipe*, é um romance escrito pelo aviador francês Antoine de Saint-Exupéry no ano de 1943. Esta obra literária, que a princípio surge como um livro para crianças conquista admiradores por todo o mundo, sendo atualmente o livro francês mais vendido e traduzido, tendo sido publicado em 250 línguas ou dialetos. <<http://www.lepetitprince.com>> – Acesso em 17 mar. 2011

Esta obra literária conta a história do autor que devido a uma pane no motor de seu avião, se vê forçado a aterrissar no deserto do Saara, onde encontra um menino, o Pequeno Príncipe, que lhe pede que desenhe uma ovelha. A relação de amizade que se estabelece entre ambos, permite ao aviador que descubra a origem do garoto, o asteróide B-612, onde deixou três vulcões e uma rosa.

Antes de chegar a Terra, o Pequeno Príncipe visitou outros planetas onde conheceu um rei, um homem vaidoso, um bêbado, um acendedor de lampiões e um geógrafo. Já em nosso planeta, o garoto pôde conversar com uma raposa que o ensinou a importância e a responsabilidade de se cativar as pessoas e cultivar amigos. É então que o menino dá-se conta da importância que a rosa, que este deixou para trás, tinha em sua vida, e resolve voltar para seu planeta a fim de recuperá-la. É neste momento que Saint-Exupéry e o Pequeno Príncipe se encontram, e enquanto o aviador conserta seu avião, o menino conta sua história.

Para viajar para seu asteróide o Pequeno Príncipe deve se livrar de sua “casca”, seu corpo, e por isso pede a uma serpente que lhe morda. Ao aviador parecerá que o menino morreu, mas este lhe acalma dizendo que “O que é importante, a gente não vê...”. Ambos partem, e o aviador termina seu livro dizendo sentir por nunca mais ter visto o garoto dos cabelos dourados.

É interessante pensar que um livro escrito há quase setenta anos ainda tenha sua importância destacada nos dias atuais. Uma obra literária que pode ser considerada infantil, mas que toca crianças e adultos em quaisquer etapas da vida. O que é então que torna uma história tão relevante para o ser humano? O que o Pequeno Príncipe representa para o homem que o faz tão popular e conhecido mundialmente? Qual relação pode-se estabelecer entre a Literatura e a Psicanálise?

Terezinha Viana, em “Fronteiras em Psicanálise” (2009) explora a idéia de que a literatura serve ao ser humano como uma representação da vida, completa de experiências e sentimentos comuns a todos. Uma história, mesmo fictícia, envolverá ações, expressões, sentimentos e afetos que habitam todo e qualquer ser humano, dando a ela o caráter de universal, ou seja, representativa da humanidade que existe em cada

um de nós. Já a psicanálise se caracteriza por ser uma teoria que se propõe a compreender e analisar o homem. Então, porque não se utilizar da psicanálise para compreender e analisar os textos literários, e estes para ilustrar, representar e servir como metáfora para a criação deste novo modo de se pensar?

Sobre a Psicanálise e a Literatura

Este capítulo é dedicado a estabelecer relações possíveis entre psicanálise e literatura, bem como os caminhos nesse encontro, na busca de uma interpretação psicanalítica da obra literária.

O fazer literário, a escrita, os livros, podem ser entendidos como uma das possibilidades do fazer artístico, e com isso a literatura pertencente a uma categoria mais geral chamada Arte. Kenneth McLeish, em “Aristóteles” (1998) nos auxilia nesta definição, apresentando o conceito de Arte Literária como uma mimese, ou seja, uma imitação; a arte que imita pela palavra. A arte que, através da palavra, cria, representa e dá corpo a experiências humanas, sentimentos reais e fictícios, e conteúdos criados e verdadeiros do escritor. Realidade e imaginação se mesclam através da inspiração humana e juntos dão origem a grandes obras artísticas e literárias.

A interpretação de textos literários sempre fez parte das atividades de análise exercidas por grandes pensadores da psicanálise. Freud ao analisar o mito de Édipo, bem como as obras de Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Dostoievski, Goethe, Shakespeare, Jensen, Hoffmann, entre outros, declarou que embora fosse um leigo no assunto, sabia do efeito poderoso que a arte exercia no homem, sobretudo a literatura.

André Green, em seu texto “O Desligamento” (1971), apresenta que o crítico psicanalista é muito questionado a respeito de sua função em relação à interpretação literária, e considera, apesar disso, muito válida essa prática. Segundo ele, o analista sente a necessidade de interpretar uma obra literária, quando foi realmente tomado e inundado por ela. Assim, inicia-se o trabalho de desconstrução da obra por parte do

analista onde este “(...) experimenta freqüentemente a necessidade de analisar, ou seja, de compreender por que teve tal sensação...” (p.38)

Psicanálise e literatura se unem a fim de apresentar, caracterizar e explicar o homem para si mesmo. Freud fez uso da arte, entre mitos e pinturas, para dar corpo à sua teoria e garantir a ela um sentido universal, ou seja, característico a todo ser humano. Utilizou-se de uma peça de teatro grega, mais precisamente uma tragédia escrita por Sófocles, chamada Édipo Rei, para ilustrar um de seus mais conhecidos conceitos na psicanálise: o Complexo de Édipo. Este conceito verifica-se quando a criança atinge o período sexual fálico na segunda infância e dá-se então conta da diferença de sexos, tendendo a fixar a sua atenção libidinosa nas pessoas do sexo oposto no ambiente familiar (a preferência velada do filho pela mãe, acompanhada de uma aversão clara pelo pai). Na peça, Édipo matou seu pai Laio e desposou a própria madrasta, Jocasta. Após descobrir que Jocasta era sua mãe, Édipo fura os seus olhos e Jocasta comete suicídio (Hamilton, 2005). Além de Édipo Rei, Freud se utilizou de duas outras obras para retratar o mesmo conceito: Hamlet e Os Irmãos Karamazov.

Nota-se que entre psicanálise e literatura criam-se relações muito estreitas, onde uma irá direcionar-se à outra em busca de sentidos, interpretações, auxílio teórico e metafórico, entre outros. A psicanálise é convocada a explicar fenômenos estéticos das mais diversas ordens, a falar sobre processos de criação e fruição artística, a interpretar suas produções, e a comentar personagens e conteúdos literários. Por outro lado, as artes são chamadas a comparecer ao fazer psicanalítico. Buscam-se analogias entre um e outro processo e estabelecem-se delimitações de campos. As artes podem servir de testemunho e confirmação à psicanálise, oferecendo padrões e exemplares de processos psíquicos ou patológicos. (Viana, 2009)

Green questiona que é importante discutir-se a respeito do duplo sentido que existe na relação psicanálise/literatura, buscando pensar sobre o efeito da psicanálise sobre a literatura, bem como o contrário. Dessa maneira, apresenta o autor que, assim como é possível fazer a análise de um discurso em uma sessão de terapia, a psicanálise também pode ser usada na interpretação de um texto literário, desenvolvendo os efeitos da psicanálise sobre a literatura.

Porém, assim como a interpretação de um discurso em um processo de análise envolve toda a vida do sujeito do discurso, também se deve pensar que toda a obra literária tem vida por detrás dela, ou seja, toda obra carrega consigo marcas do sujeito que a escreveu.

A autora Adélia Meneses (2004) apresenta que, se literatura e psicanálise fornecem uma leitura do humano; vista do ângulo da literatura, a psicanálise propiciaria um instrumento de leitura. A abordagem psicanalítica se torna recurso de interpretação, revelação, e desvendamento: assim como é nos atos falhos que aflora o inconsciente de uma pessoa, é nas fraturas e impasses de consciência de um texto que se capta a ideologia do autor. Em um texto literário (e sua interpretação), deve se levar em conta uma ampliação no conceito da palavra “texto”, uma vez que para que este seja escrito, deve-se incluir acontecimentos vividos não somente pelo escritor, como também pelo leitor. Daí, ser possível compreender uma obra de arte aplicando-lhe a psicanálise, isto é, interpretando-a e descobrindo-lhe o significado e conteúdo.

Uma questão importante a ser apresentada, é o cuidado que se deve ter ao fazer uma interpretação literária. Ana Cecília de Carvalho (s.d), diz que existem dificuldades que devem ser levadas em conta ao se fazer a análise de um texto literário. Primeiramente há uma dificuldade em se definir a diferença entre a produção literária e

as outras formações do inconsciente. É também importante que se faça uma leitura psicanalítica apropriada do texto literário, pois muitas vezes, há um uso equivocado do método psicanalítico fora da clínica; o perigo em se aplicar a psicanálise “extra-muros”. Outra dificuldade segundo Carvalho, é uma análise do texto que “pese mais para o lado da captação das motivações inconscientes nas entrelinhas do texto literário” levando a uma “interpretação psicopatologizante do texto” (p.4).

Apesar desses cuidados que o psicanalista deve ter ao fazer a interpretação de um texto, pode-se dizer que é possível haver uma inserção do crítico psicanalista no campo da literatura. Essa é a posição defendida por Carvalho, de que a interpretação psicanalítica não se restrinja apenas a análise dentro do setting da clínica, mas sim envolvendo outros campos em que seja possível enxergar os processos psíquicos. Mas esse contato entre psicanálise e literatura é possível de ser feito contanto que o psicanalista não se coloque na posição de detentor de todo o saber, impedindo a escuta verdadeiramente analítica. A interpretação não procura uma verdade absoluta, mas sim uma aproximação com a verdade.

A análise correta de uma obra literária não estaria em compreendê-la intelectualmente, mas sim em decifrar a intenção do artista que o levou a criar e que seria responsável por despertar algo nos leitores e apreciadores da obra. Todo autor, ao produzir seu texto, dedica precioso tempo e atenção para que as palavras dêem significado ao que se está sendo dito. Seja ela uma história fictícia ou baseada em fatos, sempre estarão presentes na obra traços do autor; de sua singularidade, personalidade e subjetividade. Assim essa intenção do autor, responsável pela criação de seu texto, poderia ser compreendida pela psicanálise e comunicada em palavras, como tantos outros fenômenos da vida psíquica. (Bartucci, 2001)

Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade - como o Cardeal que fez uma idêntica indagação a Ariosto - em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes. Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos fornece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória; e de forma alguma ele é enfraquecido por sabermos que nem a mais clara compreensão interna (insight) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa em nada irá contribuir para nos tornar escritores criativos. (Freud 1906-1908, p. 135)

Uma questão importante a ser discutida é se o psicanalista consegue atingir, a partir de suas interpretações, aspectos do texto que não podem ser revelados de outras maneiras. Com isso, pode-se dizer que a análise de um texto não é infinita, mas alcança um ponto específico. Porém, é importante ter em mente que nenhuma interpretação literária esgotará todo o sentido do texto, pois sempre há algo “não-dito” na escrita, tornando-se impossível o acesso a todos seus elementos. Assim, como revela Green (1973) “...temos o sentimento de que o texto sempre diz algo, pois rompe o silêncio; mas o que ele cala é ainda mais essencial” (p.48).

Há algo presente no silêncio do texto, que está por trás das palavras, que fala muito mais do que o discurso consciente do livro. Dessa maneira, a literatura faz uma ligação entre a realidade externa e interna, ou seja, a realidade psíquica, e esse “algo”

que está presente no silêncio do texto. Remete não somente à realidade psíquica do escritor, mas também a de quem o analisa.

Carvalho (s.d) apresenta que a escuta do discurso feito na clínica e a interpretação do texto literário têm em comum o fato de ambas se realizarem pautadas em uma vivência. Porém, por mais que a escrita e o discurso de uma sessão analítica tenham a mesma origem, esse discurso jamais terá um caráter artístico, ou seja, nunca será uma obra de arte. O texto literário passa por diversas modificações e reconstruções até ser completamente finalizado. A obra não é como um discurso psicanalítico, que é interpretado a partir de uma frase elaborada apenas no momento da análise. O trabalho literário acaba por encobrir ainda mais o inconsciente que está por trás do discurso consciente.

Existe a vantagem, ao se analisar um texto, de se poder ter acesso a ele infinitas vezes, já que o que foi escrito não mudará, e carregará sempre as marcas do texto que afetam o inconsciente do analista. Assim, por mais que diversas leituras sejam feitas, o que mudará não é o discurso do texto, mas sim como esse conteúdo é elaborado na mente de quem o interpreta. É assim com um leitor que, ao ler a mesma obra literária em distintas épocas da vida, lhe retira diferentes significados a cada leitura.

Carvalho pontua que a interpretação literária não busca uma verdade absoluta ao analisar o autor que escreveu o texto, mas sim analisar os efeitos do texto sobre o leitor. Não se efetuará a busca de um diagnóstico do autor ou de suas personagens, pois esse tipo de interpretação pode fazer com que desapareça o elemento ficcional do texto.

O leitor, diante o texto, poderá entrar em contato com questões inconscientes que abriga dentro de si e, assim, tornar-se também autor. Isto é, a obra literária é

também feita por quem a lê, pois a realidade psíquica encontra no ficcional seu aspecto essencial. É através do texto literário, da ficção e do poético que “ingressamos no mundo dos possíveis” (Carvalho, p.23). A interpretação do texto literário feita pelo psicanalista não coloca o autor como analisando do texto, e o leitor como analista. O próprio psicanalista também acaba por ficar na posição de analisando frente a ele mesmo, pois, ao analisar o texto que lê também se coloca de frente com seu inconsciente. Com isso, o sentido do texto não é o mesmo para o leitor e para o autor, pois cada um tem experiências de vida distintas e inconscientes próprios.

O escritor criativo

As relações entre literatura e psicanálise iniciam-se com a utilização da palavra como matéria-prima comum em suas construções. Estas são utilizadas para que se dê forma (pensamento), construção (fala) e registro (escrita) a um pensamento humano, não somente fictício (dando origem a uma história literária), como também a um saber teórico. As palavras, na psicanálise, tornam-se essência comum para que os sonhos sejam comunicados, para que haja um discurso entre paciente e terapeuta, e até mesmo possibilitando a emergência do inconsciente através de atos falhos, lapsos e chistes. Já para a literatura, a palavra é essencial na transmissão de mitos e lendas, e criação de romances e poemas.

Ruth Rissin (2007) apresenta uma interessante visão sobre a palavra como representante, ao mesmo tempo, da ausência e presença do objeto: ausência objetiva, suportada através da substituição simbólica. Voltando aos primórdios, é no choro que o bebê representa sua impossibilidade de repetição da primeira experiência de satisfação,

adquirindo assim a função de comunicação. Esta comunicação é então modulada ao longo do desenvolvimento da criança segundo um código, dando início à fala. A criança, que percebe não ter controle sobre os atos da mãe, e com isso evitar seu afastamento, aprende por meio da fala e da brincadeira a representar e substituir. Assim a ausência desta se torna suportável e seu desenvolvimento se dá de forma saudável. Nota-se então que o brincar e as palavras representam uma forma de conhecer o mundo e substituir a ausência materna, transformando-se assim em importantes aspectos para a construção de um indivíduo saudável.

A linguagem, bem como a brincadeira, é resultante da interação do homem com o meio em que habita, através da experimentação e reordenação dos elementos da realidade, levando à criação de novas articulações (Rissin, 2007). Esta linguagem concede ao homem a introdução à cultura e a possibilidade de ultrapassar e crescer em seus limites. Uma criança que se comunica através da fala e da escrita, possibilita e facilita sua integração à sociedade e cultura em que vive, podendo se apropriar desta e se desenvolver em sua vida afetiva e social, buscando sempre novos desafios.

O escritor é alguém que brinca com as palavras e reordena os elementos da realidade, criando assim personagens, histórias e mundos. Então não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio? (Freud, 1906-1908)

De fato Freud (1906-1908) compreende a obra de arte e o fazer literário como substitutos do brincar no adulto. É na infância, e principalmente no brincar, que se encontra os traços imaginativos presentes no artista. Ao brincar toda criança, assim como todo escritor, cria um mundo novo e próprio, reajustando seus elementos de uma forma que o agrada, mantendo assim uma separação entre fantasia e realidade. Seria

errado supor que a criança não leva esse mundo a sério. Ao contrário, leva muito a sério sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. A antítese de brincar, não é o que é sério, mas sim o que é real. Apesar de toda a energia que a criança investe em seu mundo de brinquedo, ela liga seus objetos e situações imaginados às coisas tangíveis e visíveis do mundo real. Essa conexão serve para diferenciar o “brincar” infantil do “fantasiar”.

Assim é com um poeta que investe em seu mundo fictício grande quantidade de sentimentos, crê em sua seriedade, e distingue-o muito bem da realidade. Na obra literária, mesmo os dados da realidade empírica são interpretados, na medida em que são escritos e não vividos. A linguagem preserva essa relação entre o brincar e a criação poética.

Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga. (Freud 1906-1908, p. 141)

O conceito de indivíduo saudável

Quando pergunto qual o significado da palavra saúde, o que lhe vem à mente? Muitas pessoas poderão responder que este conceito envolve a ausência de doença, ou talvez a integridade física preservada, alguém que não é “louco”, que não esteja resfriado, que está apto a trabalhar ao invés de hospitalizado, aquele que possui amigos, entre tantas outras opções. O que poderemos observar em comum nestas respostas é que dentro do conceito de indivíduo saudável, pode-se pensar não somente em bem estar físico, mas também psíquico e social. Para Winnicott (1996), até mesmo a psicanálise, em determinada época, pensava que saúde envolvia somente o conceito de ausência de distúrbios psiconeuróticos, sendo este pensamento desconstruído pelo autor.

Winnicott (1996) em “O conceito de indivíduo saudável”, apresenta a idéia de saúde tendo relação com o viver, com a saúde interior e, também, com a capacidade de se ter experiência cultural. Um indivíduo saudável deveria então ser capaz de viver em sociedade, em relação com o mundo compartilhado, porém de modo único, criativo, proporcionando então uma experiência única do viver.

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou censura pelas falhas.
(Winnicott, 1996, p.22)

*Eu conheço um planeta onde há um sujeito vermelho, quase roxo.
Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou
ninguém. Nunca fez outra coisa senão somas. E o dia todo repete
como tu: “Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!” e
isso o faz inchar-se de orgulho. Mas ele não é um homem; é um
cogumelo! (O Pequeno Príncipe, 2006, p.29)*

É discorrendo sobre o assunto, que Winnicott nos apresenta três vidas que as pessoas saudáveis experienciam: a vida no mundo, a vida na realidade psíquica pessoal e a área da experiência cultural. A “vida no mundo” tem como principal ingrediente as relações interpessoais; a capacidade do indivíduo de se relacionar com outros, ter amigos, ser capaz de trabalhar em grupo, ou seja, ter contato com o exterior e as pessoas que fazem parte dele. A “vida na realidade psíquica pessoal” representa a particularidade do mundo interno que cada indivíduo possui, bem como seus sonhos, e que caracteriza por vezes uma pessoa mais rica do que outra, mais profunda, mais interessante e criativa. E há também a “vida na área da experiência cultural” que conduz ao domínio da herança humana, sendo esta as artes, os mitos da história, o pensamento filosófico, a religião, e as ciências humanas.

Porém, se estas são as experiências a serem vividas por um adulto saudável, quais as condições anteriores para que o ser humano cresça com a capacidade de ser saudável? Quais processos e experiências são essenciais para possibilitar a saúde em cada um de nós? Como o meio ambiente estaria relacionado a estas experiências?

A maturidade associada à idade

Os baobás, antes de crescer, são pequenos.

O Pequeno Príncipe

Em termos de desenvolvimento, Winnicott aponta que saúde pode significar uma maturidade que condiz com a idade do indivíduo.

Desenvolvimento prematuro do ego ou consciência prematura do self não são mais saudáveis do que consciência retardada. A tendência para amadurecer é, em parte, herdada. De um modo complexo, o desenvolvimento, especialmente no início, depende de um suprimento ambiental satisfatório. (Winnicott, 1996, p.18)

No início da vida todos nós fomos cuidados por alguém, sendo este geralmente a mãe, ou um cuidador. Winnicott nos recorda que não existe um bebê sozinho, uma vez que este dependerá totalmente dos cuidados ambientais:

Todo bebê tem aqui sua própria experiência favorável ou desfavorável. A dependência é máxima. (Winnicott, 1975, p.139)

Em sua maioria estes cuidados foram garantidos pela mãe no período que Winnicott denomina de o estágio de dependência absoluta do bebê. Neste período, quando tudo corre bem, o autor apresenta a idéia de uma mãe suficientemente boa, que oferece cuidados do “*holding*” e “*handling*”¹ que se caracterizam pela continuidade,

¹ A conduta emocional da mãe ao cuidar de seu filho, onde não somente administra cuidados físicos, mas também lhe dá suporte e afeto. É através do “*holding*” que o bebê terá a experiência de continuidade do ser. Todo esse suporte necessário contido no “*holding*” está estreitamente conjugado com o manejo ou “*handling*”. Será através do manejo cuidadoso, sensível e, portanto carinhoso, que levará a criança, a um reconhecimento gradativo de seu corpo,

previsibilidade de alimentação, higiene, calor, colo, proteção e acolhimento. A mãe, desinteressada do mundo externo, se adapta ao bebê e suas necessidades; garantindo a ele a ilusão necessária de que os dois são um e que o bebê controla onipotentemente a mãe e seu seio. Esta experiência de ilusão é absolutamente necessária, no primeiro momento da vida, para que a desilusão possa ser vivida posteriormente.

No estado de confiança que se desenvolve quando a mãe pode desempenhar-se bem dessa difícil tarefa (não se for incapaz de fazê-lo), o bebê começa a fruir de experiências baseadas num “casamento” da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real. A confiança na mãe cria aqui um playground intermediário, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, experimenta a onipotência.

(Winnicott, 1975, p.71)

A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o vir-a-ser de seu nenê. Qualquer irritação ou falha de adaptação constantes por parte da mãe causa uma reação no bebê, que pode quebrar o vir-a-ser da criança. Se reagir a irritações é o padrão da vida do bebê, há então uma séria interferência com a tendência natural que existe na criança de se tornar uma unidade integrada, capaz de ter um self com um passado, presente e futuro. Com uma relativa ausência de irritações, as funções corporais da criança dão uma boa base para a construção de um ego corporal. Deste modo se lançam as bases para a saúde mental futura.

possibilitando uma construção imaginária do mesmo, resultando na psique encontrando o corpo como sua morada.
(Winnicott, 1975)

É somente sobre uma continuidade no existir que o sentido de self, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo.
(Winnicott, 1996, p.18)

As inter-relações mãe-bebê

Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando a contempla.

O Pequeno Príncipe

A adaptação da mãe em relação ao seu bebê, Winnicott (1956) chamou de “preocupação materna primária”:

Este estado organizado (que, não fosse pela gravidez, seria uma doença) poderia ser comparado a um estado retraído, ou a um estado dissociado ou uma fuga, ou mesmo a uma perturbação a um nível mais profundo, tal como um episódio esquizóide, no qual um aspecto da personalidade assume temporariamente o controle. (Winnicott, 1956, p.494)

A “preocupação materna primária” é característica dos últimos meses da gestação e outros pós-parto, e se distingue por um período em que a mãe atinge um estado de sensibilidade aumentada e com isso se adapta sensivelmente às necessidades do bebê. A mãe suficientemente boa fornece um setting responsável pela continuidade

na linha de vida da criança, preservando este “vir-a-ser” de reações à invasão², proporcionando assim a base para o estabelecimento do ego no início da vida do bebê.

Somente quando possui uma sensibilidade do tipo que estou descrevendo é que uma mãe pode sentir como se estivesse no lugar do bebê e deste modo responder às necessidades do bebê. Estas são inicialmente necessidades corporais e gradualmente tornam-se necessidades do ego, à medida que, a partir da elaboração imaginativa da experiência física, surge a psicologia.

(Winnicott, 1956, p.496)

Neste estágio de dependência absoluta do bebê, a mãe servirá a seu filho como um ego auxiliar. A mãe suficientemente boa possui uma sensibilidade peculiar que a leva a sentir como se estivesse no lugar do bebê, sendo por esta via que ela responde às suas necessidades que são inicialmente corporais e posteriormente, necessidades do ego. Nesta ocasião, passa a existir uma relação de ego entre a mãe e o bebê.

O bebê, Winnicott apresenta, é de início não-integrado. O seu centro de gravidade é móvel, deslocando-se em sintonia com o que está sendo experimentado e vivido - se o estado é de tranquilidade o bebê é um; se o estado é de excitação (fome, por exemplo) o bebê já não é mais o mesmo, é outro. A mãe tem um ego integrado de forma tal a fazê-la permanecer idêntica a si mesma nas mais diversas circunstâncias, e assim ela dispõe deste ego, colocando-o a serviço do bebê. A mãe é o ego auxiliar do

² Falha do ambiente para com a criança, na fase de extrema dependência do início da vida. Sem a defesa específica, a criança se vê diante de uma quebra na organização mental da ordem da desintegração, despersonalização, desorientação, queda para sempre e perda do sentido do real e da capacidade de se relacionar com objetos, que para Winnicott caracterizam as angústias impensáveis. (Winnicott, 1975)

bebê e com isso é o próprio ego do bebê (mãe-ambiente). Esta disponibilidade materna é que irá possibilitar o processo de "fortalecimento" e de "amadurecimento" do ego da criança.

Para que a mãe possa entrar em sintonia com seu bebê, nesta experiência chamada por Winnicott de “preocupação materna primária”, sem que qualquer problema externo interfira nesta atenção focada à criança, é necessário que haja uma condição facilitadora para que isso ocorra. Com isso temos o importante papel da família e do pai do bebê, como “pilares” que cuidam da mãe, enquanto esta se devota ao seu filho.

Acontece que este adaptar-se dos processos de maturação da criança é algo extremamente complexo, que traz tremendas exigências aos pais, sendo que inicialmente a mãe sozinha é o ambiente favorável. Ela necessita de apoio por esta época, que é melhor dado pelo pai da criança (digamos seu esposo), por sua mãe, pela família e pelo ambiente social imediato (...). (Winnicott, 1963, p.81)

Dependência relativa

*A flor que tu amas não está em perigo... Vou desenhar uma pequena mordaca
para o carneiro... Uma armadura para a flor.*

O Pequeno Príncipe

Este estado especial em que a mãe se encontra, a “preocupação materna primária”, tende a diminuir conforme a necessidade desta de se voltar novamente ao mundo, suas necessidades, interesses pessoais e seu marido.

Passa a existir uma relação de ego entre mãe e bebê, da qual a mãe se recupera e a partir da qual o bebê pode eventualmente construir a idéia de uma pessoa na mãe. Sob este ângulo, *o reconhecimento da mãe como uma pessoa surge de forma positiva, normalmente, e não a partir da experiência da mãe como símbolo de frustração.* A incapacidade materna de se adaptar na fase mais inicial não produz mais que uma aniquilação do self no bebê. (Winnicott, 1956, p.496, grifos meus)

Winnicott comenta sobre a próxima etapa no desenvolvimento do bebê; a dependência relativa:

Uma mãe faz muito ao satisfazer as necessidades do ego da criança, sendo tudo isso não registrado na mente da criança. O estágio seguinte, o de dependência relativa, vem a ser um estágio de adaptação a uma falha gradual dessa mesma adaptação. (Winnicott, 1963, p.83)

A beleza que Winnicott apresenta é que se a mãe é capaz de, no início da vida de seu bebê, proporcionar um ambiente acolhedor, seguro, e confiável; seus fracassos maternos posteriores, cometidos em um momento da qual esta está se recuperando da “preocupação materna primária”, não aniquilarão o *self* do bebê, mas sim

proporcionarão que este a reconheça como uma pessoa diferente de si mesmo, contribuindo assim para a construção do EU SOU do bebê.

A primeira organização do ego surge a partir da experiência de ameaças de aniquilação que não levam à aniquilação e dos quais o bebê repetidamente *se recupera*. A partir de tais experiências, a confiança na recuperação começa a ser algo que leva a um ego e a uma capacidade do ego de suportar a frustração. (Winnicott, 1956, p.496)

Winnicott (1990) alerta que ao pensar no bebê devemos pensar em um ser imaturo, que está continuamente ameaçado de sofrer uma “angústia impensável”. Esta é definida como impensável porque o nenê ainda não possui relação de representação de um objeto e com isso, se a mãe lhe falta por períodos grandes, ultrapassando um limite que lhe é suportável, então fome, frio e solidão podem representar ameaças à sua aniquilação.

Se durante a dependência absoluta, o bebê experienciou boa maternagem – carinho, proteção contra o frio, ser alimentado imediatamente ao aparecimento de sua fome – uma vez que sua mãe encontrava-se no estado de “preocupação materna primária”, então este é capaz de criar uma boa representação interna da mãe que o permite esperar um pouco mais pela saciação de suas necessidades, uma vez que esta está agora preocupada também com questões outras que não somente seu bebê.

Vem o tempo em que o lactente pode esperar uns poucos minutos porque os ruídos na cozinha indicam que a comida está prestes a aparecer. Ao invés de simplesmente ficar excitado pelos ruídos, o

lactente usa esses novos itens para se capacitar e esperar.

(Winnicott, 1963, p.83)

Uma provisão ambiental suficientemente boa permite que o bebê comece a existir, a ter experiências, a construir um ego pessoal, dominar as pulsões e enfrentar as dificuldades inerentes à vida. Pensando neste contexto de dependência do bebê à mãe, Winnicott apresenta a saúde como algo que não pode ser descrita em termos apenas individuais: à função materna deve-se incluir as funções parentais, bem como a função da família, com a sua maneira de introduzir o princípio de realidade, ao mesmo tempo em que devolve a criança à criança.

O caminho para integração – Rumo à independência

- É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas.

O Pequeno Príncipe

A continuidade dos cuidados maternos, ao longo do tempo, é fundamental para que ocorra o que Winnicott chamou de “integração”, que abrange quase todas as tarefas do desenvolvimento de uma criança. “A *integração* leva o bebê a uma categoria unitária, ao pronome pessoal “eu”, ao número um; isso torna possível o EU SOU, que dá sentido ao EU FAÇO.” (Winnicott, 1996, p.22)

Uma mãe suficientemente boa proporciona ao seu bebê um ambiente seguro e provedor, responsável por dar ao bebê a continuidade do vir-a-ser e com isso o estabelecimento de um self unitário, permitindo que haja então o seguinte processo no desenvolvimento humano: o rumo à independência.

O processo de integração se desenvolve ao longo da vida de maneira dialética, de forma que o “eu sou” dá sentido ao “eu faço” que dá sentido ao “eu sou”:

A conquista da integração se baseia na unidade. Primeiro vem o “eu” que inclui “todo o resto é não-eu”. Então vem “eu sou, eu existo, adquiero experiências, enriqueço-me e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o não-eu, o mundo real da realidade compartilhada”. Acrescente-se a isso: “Meu existir é visto e compreendido por alguém”; e ainda mais: “É me devolvida (como uma fase refletida em um espelho) a evidência de que necessito de ter sido percebido como existente”. (Winnicott, 1990, p.60)

Para Winnicott todo indivíduo humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento, ou seja, à integração em uma unidade. Para que esta tendência se realize, o bebê depende de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons. O psicanalista inglês entende que, a partir de uma interação primária do bebê com o ambiente, surge o indivíduo, o qual se torna capaz de existir no mundo – EU SOU. Disto, ocorre o fortalecimento do *self* como uma entidade, uma continuidade do ser. E, então, advém a consciência do bebê de sua dependência, e o reconhecimento da mãe e de seu amor, que chega a ele sob forma de cuidados físicos e adaptação às suas necessidades. Como consequência, tem-se o gradual reconhecimento da mãe como outro ser humano. Esse todo enriquecimento pelo crescimento da psique juntamente com o do corpo e da capacidade intelectual leva com o tempo à socialização e ao EU FAÇO.

Uma vez que a criança passou por uma boa maternagem, e que tudo tenha ocorrido “na normalidade”, esta se torna gradativamente capaz de se defrontar com o

mundo e todas as suas complexidades “por ver aí, cada vez mais, o que já está presente dentro de si própria. Em círculos cada vez mais abrangentes da vida social a criança se identifica com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiramente externos.” (Winnicott, 1963, p.87)

Para o autor, a saúde de um adulto está em alcançar a maturidade. Um traço saudável desse indivíduo é o fato de nunca parar de se desenvolver emocionalmente, sempre se constituindo como um ser integrado em uma só unidade.

A desintegração, durante o repouso, o relaxamento e o sonho, pode ser admitida pela pessoa saudável, e a dor a ela associada pode ser aceita, especialmente porque o relaxamento está associado à criatividade, de modo que é a partir do estado *não-integrado* que o impulso criativo aparece e reaparece. (Winnicott, 1996, p.23)

A parceria psicossomática

Winnicott (1990) postula que no início da vida, o corpo e a vida psíquica confundem-se, e que é através de uma boa maternagem que, pouco a pouco, um processo de elaboração psíquica das funções corporais se inicia e uma integração inicial, relacionada ao alojamento da psique no corpo, pode ter lugar. Como limite entre o eu e o não eu, a criança encontra a pele, sendo esta representante de um abrigo psicossomático que o bebê constrói devido aos cuidados físicos que a mãe lhe dedica. Ao ser manipulado, segurado, banhado e alimentado, o bebê adquire um psique-soma:

Em pessoas saudáveis, o uso do corpo e de suas funções é uma das coisas prazerosas da vida, e isso se aplica de modo especial às crianças e aos adolescentes. (Winnicott, 1990, p.23)

Estabelecendo relações objetais

Diante de uma mãe suficientemente boa, que é capaz de funcionar ao seu bebê como um agente adaptativo do mundo externo, a criança é impulsionada em seu processo maturacional e passa então a se relacionar com os objetos. O bebê que foi capaz de experienciar a onipotência, em presença de uma boa maternagem, poderá então se haver posteriormente, de modo natural, com o princípio de realidade. Na experiência de onipotência o bebê acredita ter criado o objeto, mesmo este já estando lá e com isso não podendo ter sido criado pela criança. Esse é um dos paradoxos que Winnicott apresenta em sua teoria e diz que deve ser aceito ao invés de resolvido.

Uma grande parte da vida saudável tem a ver com as várias modalidades de relacionamento objetal e com um processo de “vaivém” entre o relacionamento com objetos externos e internos. Isso é uma questão de pleno usufruto das relações interpessoais, embora os resíduos do relacionamento criativo não se percam fazendo com que cada aspecto do relacionamento objetal seja excitante. (Winnicott, 1996, p.24)

O objetivo da vida

Winnicott acredita que a maturidade individual esta relacionada a um movimento em direção à independência, mas que não existe “essa coisa chamada independência absoluta”. Seria não saudável o fato de um indivíduo se isolar do outro a ponto de se sentir independente e invulnerável. Para um adulto maduro sempre há a dependência de algo, ou melhor dizendo, o envolvimento com algo, seja com a família, com o trabalho, com um esporte, com os pais, entre outros.

A saúde aqui inclui a idéia de uma vida excitante e da magia da intimidade. Todas essas coisas andam juntas e combinam-se, na sensação do se sentir real, de ser e de haver experiências realimentando a realidade psíquica interna, enriquecendo-a, dando-lhe direção. A consequência é que o mundo interno da pessoa saudável relaciona-se com o mundo real ou externo, e mesmo assim é pessoal e dotado de uma vivacidade própria.
(Winnicott, 1996, p.24)

Criatividade

Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso.

O Pequeno Príncipe

O espaço potencial e o brincar

Segundo Winnicott, em seu livro “O Brincar e a Realidade”, é na experiência inicial da vida do indivíduo e no sentimento de confiança estabelecido na relação primordial mãe-bebê, que está a base de toda a possibilidade criativa e cultural no adulto. *“Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais.”* (Winnicott, 1975, p.76). O brincar é, portanto, herança da experiência de confiança vivida a partir da relação inicial mãe-bebê.

Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural. (Winnicott, 1975, p.150)

Para compreender a criatividade e o brincar, deve-se antes definir o espaço do brincar, o lugar onde este ocorre. Winnicott propôs o conceito de Espaço Potencial como este lugar diferenciado entre o eu e o não eu, o campo das experiências e do divertimento. Em geral, diz o autor, nos satisfazemos com definições baseadas na

dicotomia interno/externo, dentro e fora; porém este espaço difere por um traço essencial: ele não é interno ou externo, mas sim constituinte na relação com o outro.

Chama-se atenção para o fato de que esse espaço potencial é fator altamente variável (de indivíduo para indivíduo), ao passo que as outras duas localizações – a realidade pessoal ou psíquica e o mundo real – são relativamente constantes, uma delas sendo determinada biologicamente e a outra, propriedade comum. O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que experimenta o viver criativo. (Winnicott, 1975, p.142)

O bebê não está "no" espaço potencial, no sentido em que se diz que uma árvore está no jardim, mas sim o constrói na relação com a mãe. O espaço potencial é condição fundamental para o brincar – ele é um mundo que amadurece durante as experiências de criar brincando, experiências estas que, paradoxalmente, o próprio bebê as torna possível. Este lugar onde se dá o brincar é, necessariamente, mais do que apenas um espaço, ele é um espaço-tempo, onde nem o espaço nem o tempo possuem o sentido dado na representação.

Mais adiante, outra citação sobre a necessidade de um ambiente confiável para que possa surgir o brincar criativo:

Existe em muitos um fracasso de confiança que restringe a capacidade lúdica, devido às limitações do espaço potencial; do

mesmo modo, existe para muitos pobreza de brincadeira e de vida cultural, porque, embora encontrem lugar para erudição, houve um relativo fracasso por parte daqueles que, fazendo parte do mundo da criança, falharam em fornecer a ela elementos culturais nas fases apropriadas do desenvolvimento de personalidade. (Winnicott, 1975, p.152)

Percebe-se que dependendo de como se deu a relação de confiança bebê-ambiente, temos duas possibilidades e, portanto conseqüências bastante distintas. Na primeira possibilidade o ambiente facilitador, na figura da mãe em geral, garantiu, por causa de uma identificação básica com seu filho, a experiência de confiança do bebê no ambiente. Ele pôde descansar e permanecer tranqüilo. Deste estado relaxado pôde surgir a ação criativa do bebê – o gesto espontâneo. Na sua capacidade adaptativa a mãe atribuiu importância e significado à manifestação criativa da criança, garantindo assim ao bebê a possibilidade de experimentar a confiança no próprio impulso criativo. Desta experiência resultaria o senso de existir da criança. Na segunda possibilidade houve fracasso do ambiente, e o bebê reagiu ao invés de agir. *“O espaço potencial, no último caso, não tem significação, porque nunca houve como erigir um sentimento de confiança combinada com fidedignidade, e, portanto, não houve uma auto-realização relaxada”* (Winnicott, 1975, p.151).

No caso descrito anteriormente, há uma necessidade, por parte do bebê, de proteger seu verdadeiro self de futuras ofensas do ambiente. A criança, por não se sentir vista ou acolhida, por este ambiente que não aceita seus gestos espontâneos, aprende que não pode expressar sua criatividade, havendo descontinuidade em sua experiência de integração. O bebê deixa assim de reconhecer o ambiente como um lugar confiável

para seu desenvolvimento a partir do verdadeiro *self*, entrando em ação um mecanismo de defesa conhecido como estrutura do falso *self*. Nestes casos há uma descontinuidade da existência, e o senso de existir e do *self* (si-mesmo) serem afetados. Na estrutura do falso *self*, a ação criativa é substituída pela reação, pela adaptação ao meio ambiente. O ambiente não permitiu a experiência ao bebê de criar o mundo e usufruir da própria criatividade.

Pode-se dizer que no primeiro caso o espaço potencial existe e no segundo caso não, já que ele não é preenchido com a criatividade do sujeito e sim com material injetado por outra pessoa, em geral o cuidador, a mãe.

Em casos de fracasso prematuro da fidedignidade ambiental, ocorre um perigo alternativo, o de que esse espaço potencial possa ser preenchido com o que nele é injetado a partir de outrem que não o bebê. Parece que tudo que provenha de outrem, nesse espaço, constitui material persecutório, sem que o bebê disponha de meios para rejeitá-lo. (Winnicott, 1975, p.141)

Na situação de submissão, a criatividade está inibida, pois há uma adaptação excessiva ao real, onde apenas se percebe o objetivamente percebido. A criança que cumpre somente com as exigências do mundo externo, deixando para trás sua subjetividade, passa a viver com o sentimento de inutilidade e de que a vida não vale a pena ser vivida, pois para Winnicott, é a partir do brincar e da experiência criativa, que o ser humano sente que viver vale a pena.

O viver criativo

- Só as crianças sabem o que procuram – disse o príncipezinho. – Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando ela lhes é tomada...

-Elas são felizes... – disse o manobreiro

O Pequeno Príncipe

O bebê que teve as importantes experiências garantidas no estágio de dependência absoluta poderá extrair da vida um sentido que ele próprio atribui. Na saúde, o adulto conserva a possibilidade de criar o mundo a cada momento, vendo cada instante com novos olhos. Ao contrário, a vida não passa de um montante de tarefas e obrigações ao qual o *self* retraído tem que se submeter - tal qual o bebê submetido à mãe é tolido da possibilidade de brincar.

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale à pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina. (Winnicott, 1975, p.95)

No viver criativo o verdadeiro *self* se expressa, se integra e adquire um sentimento de existir, e assim, se fortalece e vive a partir de uma base pessoal. É como se a manifestação espontânea do verdadeiro *self* fosse o brincar transformando cada e qualquer atividade cotidiana numa expressão de si-mesmo:

O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical. Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele. (Winnicott, 1975, p.100)

Em contrapartida a este modo de viver, existe outro que revela menos a capacidade criativa do sujeito e mais sua adequação ao ambiente. Assim como o bebê, que teve que se proteger de um ambiente invasivo acionando a instância protetora do ego – o falso *self*; o adulto incapaz de criar seu mundo está mais próximo da adequação do que da criação.

Quando as falhas ambientais impedem o sujeito de experimentar a vida de modo criativo, ele mesmo assume as funções protetoras (no início uma função materna),

através do falso *self*, e protege o verdadeiro *self* de futuras ofensas. O ambiente é visto como um lugar incapaz de acolher sua criatividade, não confiável para a expressão de seus impulsos pessoais. Quanto maior a cisão destas instâncias, verdadeiro e falso *self*, menor a saúde do sujeito, pois há menos possibilidade de atender às expectativas sociais sem perder seus impulsos pessoais. A saúde, portanto, pode ser compreendida como um estado de equilíbrio e integração entre as instâncias criativas e protetoras.

Existem pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida que estão doentes no sentido oposto, dada a sua perda do contato com o mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos. (Winnicott, 1975, p.97)

Todos nós temos uma instância adequadora, protetora – o falso *self* – necessária. O problema estaria quando esta instância, desconectada da criativa, não pode ceder em determinadas circunstâncias dando vazão à criatividade espontânea. Tomemos um exemplo de adequação à solicitação externa bastante comum: uma pessoa tem um trabalho tedioso, com pouca possibilidade de expressão de sua criatividade, mas pode ao chegar em casa exercer sua criatividade na cozinha.

Quando surpreendemos nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade. Não deveríamos nos preocupar se aqueles que comem as salsichas não percebem a coisa surpreendente que houve no ato de cozinhar, ou se demonstram não apreciá-las do ponto de vista gustativo. (Winnicott, 2005, p.36)

A qualidade da experiência daquele que não seguiu a receita, ousou e criou algo próprio, é infinitamente maior do que aquele sujeito que segue a receita à risca. O resultado obtido para um olhar externo pode ser bem semelhante, mas não para quem fez. O divertimento e o prazer envolvido no ato de cozinhar em um caso existe, no outro se pode dizer que não. Seguir a receita e não confiar na própria criatividade é exemplo de uma ação a partir do olhar externo, que tem o resultado como objetivo e é por isso uma reação e não uma ação.

Quando há uma dissociação muito acentuada entre verdadeiro e falso *self*, há perda da área da criatividade, sentimento de que a vida não vale a pena ser vivida. Não há sentimento de ser, pois o agir não surge de si-mesmo, e por isso não fortalece o sentimento de que se “é”. Tirando os estímulos, não há vida.

É possível demonstrar que, em certas pessoas e em determinadas épocas, as atividades que indicam que uma pessoa está viva não passam de reações a estímulos. Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida. Mas, em caso tão extremo, a palavra “ser” não tem relevância. Para poder ser, e para ter o sentimento de que é, deve-se ter uma predominância do fazer-pelo-impulso sobre o fazer-reactivo. (Winnicott, 2005, p.23)

Desta maneira, nota-se que Winnicott entende por criatividade uma potência que todo ser humano possui e não apenas algo dominado por poucos. A criatividade estaria no colorido que o indivíduo dá à sua existência, bem como na capacidade de experimentação do *self* que nutre o indivíduo, mesmo quando o resultado da experiência não sai como o esperado. O indivíduo criativo é aquele que diante de seu impulso

criativo inventa receitas, brincadeiras, desenhos entre outros, e agrega valor a tal criação e experiência mesmo que o desenho saia borrado e a receita um pouco salgada.

É verdade que uma criação pode ser um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, desde uma refeição preparada em casa. Dizendo melhor talvez, essas coisas poderiam ser criações. A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo.(...) A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. (Winnicott, 1975, p.98)

Desta maneira entendemos que a experiência criativa não é passível de ser observada pelo olhar externo.

Para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar. Em consequência, a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que *é está vivo*. Pode ser que o impulso esteja em repouso; mas, quando a palavra “fazer” pode ser usada com propriedade, já existe criatividade. (Winnicott, 2005, p.23)

O Pequeno Príncipe: uma análise

A rosa do Pequeno Príncipe – uma perspectiva winnicottiana

“Tú te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”

O Pequeno Príncipe

Esta célebre frase escrita por Exupéry é mundialmente conhecida, tendo se tornado mais sabida que o personagem que a proferiu e o autor que a escreveu. Apesar de ter sido dita pela raposa ao Pequeno príncipe, ela se refere à sua relação com a rosa.

A rosa, o Pequeno Príncipe conheceu quando ainda semente. Em seu planeta sempre houve flores muito simples que apareciam pela manhã, e já a tarde murchavam. Porém esta brotara um dia de uma semente desconhecida, e o príncipezinho resolveu vigiá-la de perto.

Como anteriormente apresentado, Winnicott postula em sua teoria que para um indivíduo se transformar em um adulto saudável e criativo – um botão em uma rosa – são necessários grandes cuidados desde a infância, dispensados por um cuidador.

Um bebê, em sua dependência absoluta da figura materna, demanda de seu cuidador não somente cuidados físicos básicos – alimentação, trocar fraldas, dar banho, trocar a roupa – como também um grande investimento emocional. A mãe suficientemente boa é capaz de dedicar ao seu bebê todo o carinho e atenção que lhe é necessário, a partir de uma identificação que esta cria com seu lactente. Desinteressada do mundo externo, ela se adapta ao bebê e suas necessidades; garantindo a ele a ilusão necessária de que os dois são um e com isso o início de seu desenvolvimento.

Assim com o Pequeno Príncipe, que olha com atenção à flor que está se formando, tem-se a mãe, no período de gestação, que assiste à sua gravidez de forma carinhosa e atenciosa, cuidando desde já do bebê que irá nascer. No conceito de “preocupação materna primária”, Winnicott apresenta a idéia de que já aos meses finais da gestação a mãe adentra um estado em que está especialmente sensibilizada com seu bebê, sendo assim, parte de sua história, a atenção que lhe é dada, antes mesmo de seu nascimento. O Pequeno Príncipe, assim como uma gestante, criou expectativas e fantasias sobre a rosa que ali iria nascer, e observou com admiração quando esta apareceu.

O pequeno príncipe, que assistia ao surgimento de um enorme botão, pressentiu que dali sairia uma aparição miraculosa; mas a flor não acabava mais de preparar sua beleza no seu verde aposento. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. (p.31)

O “aposento”, do qual a rosa não saía, poderíamos pensar no período de nove meses necessários para gestação de uma criança. Para que cresça saudável e belo, e não “amarrotado como um cravo”, o bebê demanda tempo e um ambiente cuidador que espere em sua preparação. Curioso e cuidadoso, o pequeno Príncipe proporcionou à rosa um ambiente seguro que a possibilitasse de “arrumar-se”, assim como a mãe proporciona ao bebê uma gestação segura.

Após o nascimento do broto de rosa, o Pequeno Príncipe, assim como uma mãe suficientemente boa, pôs-se em uma relação de “enamoramento” e devoção, em que todos os cuidados foram dispensados para que esta rosa crescesse e se desenvolvesse

saudavelmente: deu-lhe água, colocou-a sob uma redoma, tirou-lhe as larvas e a protegeu do vento.

- Creio que é hora do café da manhã – acrescentou ela. – Tu poderias cuidas de mim... (p.31)

Muito frágil e bela, tendo somente quatro espinhos como proteção, a rosa utilizando-se da atenção e devoção de seu cuidador, pôde crescer de maneira segura, contínua e acolhedora, sempre protegida do vento, dos tigres e das larvas.

Notamos então que, assim como Winnicott postula, com o passar dos meses, é necessário, para saúde da mãe bem como a do bebê, que esta deixe de voltar-se somente ao lactente, para também reagir ao mundo externo, suas obrigações para com a sociedade, seu marido e consigo mesma. É o que ocorre com nosso personagem que, cansado dos cuidados dispensados à rosa ingrata, sai em viagem de seu asteróide, como a mãe que se dirige para fora de seu “planeta mãe-bebê”.

Poderíamos pensar que, assim como o sentimento de ingratidão que a rosa origina no príncipezinho, temos a possibilidade deste sentimento existir no cuidador, em relação a este bebê tão novo, incapaz de se dirigir e gratificar a mãe. Ela que dedica grandes esforços e tempo a seu filho, por vezes pode se sentir “cansada” desta dedicação, uma vez que o lactente vive – na fase de dependência absoluta – para se alimentar e dormir, em uma relação de unidade com seu cuidador. Este cuidado ganhará reconhecimento para a mãe posteriormente, quando o bebê passar a reconhecer esta, sorrir para ela, bem como falar e se comunicar. Na dependência relativa, o lactente pode se dar conta da necessidade do cuidado materno, e com isso uma relação eu-não eu. E quando no rumo da independência, este desenvolve meios para ir vivendo sem o cuidado constante de sua mãe, através do acúmulo de recordações do cuidado vivido, com o desenvolvimento da confiança no meio ambiente.

Winnicott apresenta que se a mãe é capaz de, no início da vida de seu bebê, proporcionar um ambiente acolhedor, seguro, e confiável; seus fracassos maternos posteriores, cometidos em um momento da qual esta está se recuperando da “preocupação materna primária”, não aniquilarão o *self* do bebê, mas sim proporcionarão que este a reconheça como uma pessoa diferente de si mesmo, contribuindo assim para a construção do EU SOU do bebê.

É então, nessa manobra de dirigir-se ao externo que o Pequeno Príncipe possibilita à rosa enxergar seu cuidador como OUTRO merecedor também de atenção e carinho, e não somente como extensão de si-mesma.

- *É claro que eu te amo* – disse-lhe a flor. – Foi minha culpa não perceberes isto. Mas não tem importância. Foste tão tolo quanto eu. Tenta ser feliz... Larga esta redoma, não preciso mais dela.

- Mas o vento...

- Não estou tão resfriada assim... *O ar fresco da noite me fará bem.* Eu sou uma flor.

- Mas e os bichos...

- *É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão belas! Do contrário, quem virá visitar-me?* Tú estarás longe... Quanto aos bichos grandes, não tenho medo deles. Eu tenho as minhas garras. (p.34, grifos meus)

A grande beleza desta passagem está em reconhecer o caminho da flor, da dependência absoluta e relativa – enquanto semente e broto, a partir de uma boa maternagem – rumo à independência e maturidade. Ela, que antes desfrutava de “cuidados maternos” constantes, agora aprendera o valor de agüentar uma ou duas larvas para conhecer as belas borboletas.

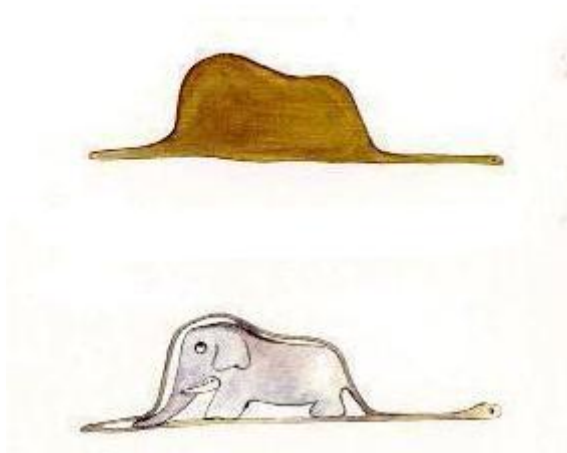
Uma vez que a criança passou por uma boa maternagem, esta se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades. Estas larvas servem de metáfora para representar as diversas frustrações que um indivíduo passa, comuns a diferentes etapas do desenvolvimento saudável. Quando bebê, este deve lidar com as frustrações causadas pelos “atrasos” de sua mãe – uma vez que esta não mais se encontra no estado de “preocupação materna primária” – bem como abrir mão de sua onipotência, para então conquistar primeiramente a noção de eu, e posteriormente a noção do outro. As frustrações – em relação ao trabalho, família, ao chefe, ao dinheiro, ao outro – fazem parte da vida de qualquer adulto saudável, e devem representar desafios a sua existência, sendo lidados com recursos criativos presentes em cada um, representando sempre uma experiência agregadora.

Assim como a rosa-criança que caminha em direção à independência, notamos que o Pequeno Príncipe-adulto também busca seu crescimento pessoal e novas experiências ao viajar por diferentes planetas. Este movimento, Winnicott postula em sua teoria ao dizer que um indivíduo está sempre em desenvolvimento. Para o autor, a saúde de um adulto está em alcançar a maturidade. Um traço saudável desse indivíduo é o fato de nunca parar de se desenvolver emocionalmente, em uma contínua tarefa de integração.

A história da jibóia – sobre a Criatividade

Antoine conta a história de sua infância quando desenhou uma jibóia. Em sua curiosidade infantil, absorveu o que leu em um livro sobre estas serpentes – “As jibóias engolem sem mastigar, a presa inteira. Em seguida não podem mover-se e dormem os

seis meses de digestão” (p.09) – e utilizou-se de seu impulso criativo para representar sua própria cobra que engoliu um elefante.



Porém ao perguntar aos adultos se estes tinham medo de sua cobra, deparou-se com pessoas que não apenas viam um chapéu, mas que também lhe aconselharam, ao passo que ia crescendo, a parar de desenhá-la.

Apresentou-se anteriormente que, segundo Winnicott, são duas as possibilidades do desenvolvimento criativo em uma criança, de acordo com a relação que se deu entre esta e sua mãe, ou cuidador. Na primeira possibilidade a mãe, através de uma boa maternagem, garantiu ao seu bebê uma relação de confiança com o ambiente, e este pode descansar e permanecer tranquilo. Deste estado relaxado pôde surgir a ação criativa do bebê, e a mãe, na sua capacidade adaptativa, atribuiu importância e significado à manifestação criativa, garantindo assim ao bebê a possibilidade de experimentar a confiança no próprio impulso criativo. Na segunda possibilidade a criança, por não se sentir vista ou acolhida, por este ambiente que não aceita seus gestos espontâneos, aprende que não pode expressar sua criatividade, havendo descontinuidade em sua experiência de integração.

Poderíamos então pensar no autor, através de seu relato sobre o desenho da jibóia, como um adulto que, em sua infância, teve contato com uma boa maternagem, podendo assim expressar seus impulsos criativos. Ele, quando criança, não somente pegou uma informação que obteve e a transformou criativamente em um desenho, como também se utilizou da criatividade de seu olhar para “observar” (apercepção) através do desenho do chapéu e imaginar uma jibóia engolindo um elefante.

Outro dado importante sobre a vida de Antoine, que poderíamos utilizar como pista para pensar que este, quando bebê, recebeu boa maternagem, é que adulto se tornou escritor. Como antes apresentado, o fazer literário pode ser considerado sucedâneo do brincar na vida adulta. Com isso, apesar de abandonar sua carreira de desenhista, o autor deu vazão à sua criatividade, escrevendo sobre suas aventuras.

Um Rei, um Vaidoso, um Bêbado, um Empresário, um Geógrafo e um Acendedor de lampiões – o viver não criativo.

Personagens curiosas encontradas pelo Pequeno Príncipe em sua viagem aos asteróides vizinhos, o rei, o vaidoso, o bêbado, o empresário e o acendedor de lampiões, poderiam ser considerados metáforas de indivíduos que não conseguem viver criativamente suas vidas. Repletas de significados, tais personagens dizem de forma muito ilustrativa sobre o modo como muitas vezes os adultos – na visão de Exupéry – levam uma vida sem qualquer criatividade ou prazer.

O Rei, através do relato do Pequeno Príncipe, é visto de forma cômica por sua atitude. Em seu pequeno planeta, ocupado inteiramente por seu manto, não há espaço para que o OUTRO viva. Diz-se um monarca absoluto (que reina sobre ninguém) que

apenas dá ordens às pessoas em seguida de suas ações – ordens “seguras” e justas que o fazem ser visto como “bom”.

Desta figura, poderíamos pensar a importância do OUTRO para “criação” de saúde em um indivíduo. Seja o outro na figura de uma mãe carinhosa, ou o outro como um amigo que compartilha de sua imaginação e fantasia quando criança, a relação com o OUTRO é importante para que se crie uma noção de si-mesmo no indivíduo.

Winnicott comenta que na fase do *holding* e da dependência absoluta, o bebê é dependente ao máximo dos cuidados maternos, não possuindo meios para perceber este cuidado, sendo ele e sua mãe, unificados. Neste momento o lactente não pode assumir controle sobre o que é bem ou mal feito, mas apenas está em posição de se beneficiar ou sofrer distúrbios.

Encontramos no estágio de dependência absoluta, um bebê em estado de fixação com sua mãe, que corresponde ao *narcisismo primário*, que evolui na teoria do desenvolvimento emocional na criança até o estabelecimento desta como uma pessoa separada. Nesta etapa de *holding*, o ego começa a se transformar de um estado não integrado em uma integração estruturada. A mãe sustenta o bebê e através da identificação com seu filho, sabe como se adaptar às necessidades do ego. Apenas sob tais condições o indivíduo saudável pode começar a existir. Para isso se faz necessária uma mãe suficientemente boa.

Porém, se o bebê não encontrar um lugar para experienciar algo individual, não houver uma boa maternagem, mas sim “intrusão” do ambiente; então o resultado é que o *narcisismo primário* não produzirá um indivíduo. Desenvolve-se um falso *self* para proteção do verdadeiro *self*; onde somente o primeiro é utilizado na relação com o

outro. Este pode ser convenientemente sintônico com a sociedade, mas a falta do verdadeiro *self* produz uma instabilidade onde o indivíduo poderá queixar-se de uma sensação de futilidade.

Winnicott entende que, a partir de uma interação do bebê com o ambiente (mãe-cuidador), surge o indivíduo, o qual se torna capaz de existir no mundo – EU SOU. Como consequência, tem-se o gradual reconhecimento da mãe como outro ser humano. Esse todo enriquecimento pelo crescimento da psique, juntamente com o do corpo e da capacidade intelectual, leva com o tempo à socialização e ao EU FAÇO. Para que possamos nos afirmar como um, devemos antes reconhecer a existência do outro. E este, nos afirmar constantemente sobre quem somos.

- Ah! Eis um súdito! – exclamou o rei ao ver o visitante. E o príncipezinho perguntou a si mesmo:

“Como pode ele reconhecer-me, se jamais me viu?”. Ele não sabia que, para os reis, o mundo é muito mais simples. Todos os homens são súditos. (p.37, grifos meus)

Ao lermos sobre este intrigante personagem, nos fica a impressão de um Rei fútil e narcisista, onde o outro não é bem vindo em sua diversidade e individualidade, mas somente em uma relação hierárquica de poder. Esta relação fica explicitada, pois não há possibilidade de existir diálogo entre os dois personagens, mas somente “ordens” do Rei. Este se sente só, pois não é possível ao outro habitar seu planeta-eu, e tenta, sem êxito, convencer o Pequeno Príncipe a lhe fazer companhia.

Assim como o Rei, a figura do Vaidoso é curiosa por não reconhecer o outro em sua entidade, mas apenas viver “narcisicamente” sem sentido e criatividade:

-Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais bem-vestido, mais rico e o mais inteligente de todo o planeta

-Mas só tu moras no teu planeta!

- Dá-me esse prazer. Admira-me assim mesmo!

- Eu te admiro – disse o príncipezinho, dando de ombros. – *Mas de que te serve isso?* (p.44, grifos meus)

Já a figura do Bêbado é a que mais traz melancolia ao Pequeno Príncipe. Sentimento este, pois não encontra no personagem qualquer traço ou esperança de que sua vida valha a pena ser vivida. Winnicott apresenta que comparada a uma neurose e uma psicose como possibilidades de um indivíduo experienciar a vida, a falta de esperança se caracteriza como a pior delas.

- Eu bebo – respondeu o bêbado, com ar triste

- Por que é que bebes? – perguntou-lhe o pequeno príncipe.

- Para esquecer – respondeu o beberrão.

- Esquecer o quê? – indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena dele.

- Esquecer que eu tenho vergonha – confessou o bêbado baixando a cabeça.

- Vergonha de quê? Perguntou o príncipe, que desejava socorrê-lo.

- Vergonha de beber! – concluiu o beberrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio. (p.44)

Como anteriormente explicitado, Winnicott marca a grande importância de uma boa maternagem na constituição de um indivíduo saudável e criativo. Ao contrário, há uma necessidade, por parte do bebê, de proteger ser verdadeiro *self* de futuras ofensas do ambiente. Por não se sentir acolhido por este ambiente que não aceita seus gestos espontâneos, o bebê aprende que não pode expressar sua criatividade, havendo descontinuidade em sua experiência de integração. Desenvolve-se, então, um falso *self* para proteção d verdadeiro *self*, onde a ação criativa será substituída pela reação e pela adaptação ao meio ambiente.

Em uma situação de submissão, o indivíduo se mostra inibido, pois há uma adaptação excessiva ao real, onde apenas se percebe o objetivamente percebido. Este passa então a cumprir somente com as exigências do mundo externo, deixando para trás sua subjetividade, e vivendo com o sentimento de inutilidade e de que a vida não vale a pena ser vivida.

É possível a uma pessoa esquizóide ou esquizofrênica levar uma vida satisfatória e mesmo realizar um trabalho de valor excepcional. Pode ser doente, do ponto de vista psiquiátrico, devido a um sentimento debilitado de realidade. Como a equilibrar isso, pode-se afirmar que existem pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida que estão doentes no sentido oposto, dada a sua perda do contato com o mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos. (Winnicott, 2005, p.97)

Diríamos que a figura do Bêbado representa a de um *Normopata*; uma pessoa aparentemente “normal”, isto é, sem um conflito psíquico ruidoso, salvo pela imensa dificuldade em entrar em contato com o seu mundo interno, parecendo um “robô” em seu relacionamento com o outro e o mundo externo.

As figuras do Empresário, Geógrafo e do Acendedor de Lampiões, nos auxiliam no entendimento da criatividade, postulada por Winnicott, como algo que traz colorido ao viver.

O Empresário era dono de quinhentos milhões “dessas coisinhas douradas que fazem sonhar os preguiçosos” (p.47) – as estrelas. Para ele, somente as possuir lhe fazia um homem rico e sério, sem pensar sobre sua utilidade. As possuir não era algo criativo que lhe acrescentava um sentido no viver, ao contrário do que o Pequeno Príncipe pensava:

-Eu, se possuo um lenço de seda, posso amarrá-lo em volta do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colhê-la e levá-la comigo. Mas tu não podes levar as estrelas. (...) O pequeno príncipe tinha, sobre as coisas sérias, idéias muito diferentes do que pensavam as pessoas grandes. – Eu – disse ele ainda – possuo uma flor que rego todos os dias. Possuo três vulcões que revolvo toda semana. Porque revolvo também o que está extinto. A gente nunca sabe! É útil para os meus vulcões, é útil para a minha flor que eu os possua. Mas tu não és útil às estrelas. (p.48)

O exemplo mais ilustrativo de um indivíduo que se adéqua de forma “robótica” aos regulamentos impostos pelo mundo externo é o Acendedor de Lâmpadas. Ele, por viver em função de um falso *self* condizente com as normas da sociedade, esquece-se de suas vontades provindas do verdadeiro *self*, e se torna infeliz, pois não se utiliza de sua criatividade para compensar o pesar de sua profissão.

- Eu executo uma tarefa terrível. No passado, era mais sensato.

Apagava de manhã e acendia a noite. Tinha o resto do dia pra descansar e a noite para dormir...

- E depois disso, mudou o regulamento?

- O regulamento não mudou – disse o acendedor. – Aí é que está o problema! O planeta a cada ano gira mais depressa, e o regulamento não muda!

O príncipezinho, criativamente, dá então uma solução ao seu amigo:

- Teu planeta é tão pequeno, que podes, com três passos contorná-lo. Basta andares lentamente, de modo a ficares sempre ao sol. Quando desejares descansar, tu caminharás... e o dia durará o tempo que quiseres. (p.51)

Porém o acendedor não é apto a entender a idéia proposta pelo garoto. Este, devido à riqueza de seu mundo interno, é capaz de, diante um problema, procurar por uma solução criativa que o ajude na resolução de tal enrosco. Já o Acendedor, diante uma dificuldade, congela sua atitude e se torna infeliz diante tal problema “sem solução”.

O Geógrafo aparece, através da narrativa do Pequeno Príncipe, como o contrário de um indivíduo explorador-criativo. É um interessante personagem, pois logo ao início tem-se a impressão e esperança de ter-se finalmente deparado com um indivíduo saudável que vive sua vida criativamente.

- Sou geógrafo – respondeu o velho

- Que é um geógrafo? – perguntou o principezinho

- É um especialista que sabe onde se encontram os mares, rios, as cidades, as montanhas, os desertos.

- Isto é bem interessante – disse o pequeno príncipe. – Eis, afinal, uma verdadeira profissão! (p.53)

Este planeta, sendo o maior, mais bonito e interessante de todos os visitado pelo Pequeno Príncipe, chama-lhe a atenção para conhecê-lo. Assim como uma pessoa saudável e criativa que, diante o interessante e desconhecido move-se em direção a conhecê-lo, o menino logo inicia suas perguntas a quem julga ter explorado seu planeta: o geógrafo. Porém, se depara com um homem que, ao invés de vivenciar a descoberta das diferentes paisagens de seu mundo (interno), vive de ouvir histórias contadas por outros exploradores. Não dá valor aos elementos do Pequeno Príncipe que lhe representam sua riqueza de mundo interno, como sua rosa – dizendo que esta é efêmera - e sua preocupação com a possível explosão de seu terceiro vulcão que há muito se encontra desacordado.

Uma crítica

Antoine, ao longo de suas conversas com o Pequeno Príncipe, apresenta a idéia de que às crianças é reservada a infância para que possam brincar, criar e se divertir; para que assim, aos adultos, se conserve o lugar daqueles que já brincaram, tiveram infância e que por isso devem trabalhar e cuidar de coisas sérias.

Deparamos aqui com a realidade que é exigida aos adultos responsáveis: que deixem de lado a criatividade, para apenas dedicar-se ao real e objetivamente percebido. É dado somente à criança o direito de brincar, sendo esta característica vista como bobagem se presente em um profissional.

Como anteriormente apresentado, Winnicott pontua a condição de saúde no adulto relacionada à sua capacidade de criatividade no modo de viver.

É com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem. Não somos mais introvertidos ou extrovertidos. Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos. (Winnicott, 1975, p.93)

A mesma criatividade que é destacada na infância em forma de brincadeira, deve estar presente em um adulto saudável em outras formas de manifestação: em um senso de humor, na criação de uma música, uma receita ou um livro. Para assim se manter a sensação de que a vida vale a pena ser vivida. Durante o relato de sua história,

percebemos que Exupéry nunca abandonou a sua criatividade no viver, mas sim que se moldou à seriedade dos adultos para então encontrar um lugar junto aos outros.

Desta forma, ao longo da vida, tive vários contatos com muita gente séria. Convivi com as pessoas grandes. Vi-as bem de perto. Isso não melhorou muito a minha antiga opinião. Quando encontrava uma que me parecia um pouco esclarecida, fazia a experiência do meu desenho número I, que sempre conservei comigo. *Eu queria saber se ela era na verdade uma pessoa inteligente.* Mas a resposta era sempre a mesma: “É um chapéu”. Então eu não falava nem de jibóias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Colocava-me no seu nível. Falava de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão versátil. (p.11, grifos meus)

Então o que acontece a um jovem ou um adulto que abandona, em parte, sua criatividade do viver, para moldar-se aos padrões exigidos pela sociedade? Perde-se o colorido das relações humanas, a riqueza das experiências, e como Exupéry pontua a continuação de seu livro: traz-lhe a solidão.

Vivi, portanto, só, sem alguém com quem pudesse realmente conversar, até o dia em que uma pane obrigou-me a fazer um pouso de emergência no deserto do Saara, há cerca de seis anos.
(p.11)

Porém, ao procurar sobre a solidão para Winnicott, notou-se seu caráter essencial na constituição de um indivíduo saudável. Na fase de dependência absoluta, o

autor postula o valor de uma solidão, causada pelo total desconhecimento da dependência do outro. O não-reconhecimento dessa dependência permite que esta solidão seja experienciada em sua plenitude criativa, já que as tendências inatas encontram, neste momento, possibilidade de expressão e acontecimento pessoal, dentro de um espaço e tempo específicos e singulares.

Uma boa maternagem capacita a mãe a estabelecer contato com este estado não-integrado, oferecendo-se – por meio da identificação com seu bebê – como objeto a ser achado e criado por ele. Esta mãe é parte do bebê. Assim, não existe o peso da presença do outro, porque não existe nenhum objeto a ser conhecido, percebido, ou investigado. Nesse sentido, Winnicott postula:

O indivíduo emerge não do inorgânico, mas da solidão
(Winnicott, 1967, p.155)

Esta é a base da natureza humana, que nesse início encontra o caminho do repouso, do descanso, do relaxamento; o que se desenrola é a continuidade da existência desta natureza do bebê e a afirmação de uma identidade.

A constituição dessa identidade torna-se possível porque o bebê e o seu ambiente foram uma unidade. Surge então, progressivamente, uma pessoa com direito à própria intimidade, com um ser, um EU.

Em um momento de reflexão, de isolamento, de solidão – pois Exupéry estava sem água, sem avião e sem companheiros no deserto do Saara – que o aviador encontra o Pequeno Príncipe; o que poderíamos pensar como um representante de sua criatividade, É neste momento de repouso e tranquilidade, que o autor entra em contato com sua individualidade e criatividade no modo de viver, e se relaciona com o príncipezinho.

A raposa

O Pequeno Príncipe, só no deserto, encontra uma bela raposa e a convida para brincar. Mas ela responde:

- Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. – Não me cativaram ainda.

(...) - Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (p.68)

Esta passagem poderia servir como metáfora para uma importante relação apresentada ao longo de toda a teoria de Winnicott: a relação com o outro.

A uma mulher, quando lhe é anunciada uma gravidez querida, possui prontamente sentimentos por seu bebê: sejam eles expectativas, fantasias ou ideais sobre a criança que ainda está por vir. Mas é em seu nascimento, olhando para seu rosto, que o bebê a cativa. É necessário que a mãe seja cativada pela figura de seu filho, entrando em identificação com ele, para então viver a chamada “preocupação materna primária”. Toda a relação existente entre mãe-bebê se caracteriza por cuidados e carinhos constantes, entre uma e outro, responsáveis pela criação de um indivíduo saudável que se tornará essa criança. O cativar estaria aqui relacionado ao cuidar:

- (...) Que quer dizer “cativar”?

- (...) Significa “criar laços” ... (p.68)

Não somente à mãe fica o direito de ser cativada por seu bebê, como também à este indivíduo em formação deve perceber nela o OUTRO. A mãe suficientemente boa deve, através do cuidar-cativar, garantir os cuidados necessários para que este se desenvolva saudável e criativamente. Podendo assim se diferenciar da figura materna, e constituir-se como um indivíduo.

A riqueza dos homens não é medida somente pelos bens que lhe pertencem, mas também pela maneira saudável com que estes vivem. Para isso se faz necessário viver criativamente, sem que se perca sua subjetividade e individualidade.

Sobre cativar, a raposa apresenta ao Pequeno Príncipe a importância de uma constância:

- Teria sido melhor se voltasse à mesma hora – disse a raposa. – Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz! Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade” (p.69)

Poderíamos pensar sobre a importância deste comportamento nos cuidados da mãe com o seu bebê. A constância dos cuidados maternos suficientemente bons proporcionados ao bebê contribuirão para a passagem, na evolução do desenvolvimento emocional, da fusão do bebê com sua mãe, para a construção de sua própria individualidade. Uma mãe deve ter “constância” na identificação com seu bebê, respeitando-o em seu desenvolvimento. Somente assim será possível que gestos espontâneos do lactente surjam e com isso este caminhe para o status de indivíduo.

Considerações Finais

Ao término deste trajeto, gostaria de pontuar, como antes dito, que a análise de uma obra literária é finita, à medida que se encerra este trabalho, porém infinitas são as possibilidades de interpretação a serem realizadas.

Concordo com Green (1971) quando este apresenta que o analista sente a necessidade de interpretar uma obra literária quando foi realmente tomado e inundado por ela, e que esta prática deve ser estimulada e respeitada.

É a partir deste desejo que inicio o trabalho de desconstrução da obra O Pequeno Príncipe, analisando e compreendendo as sensações a que fui exposta quando, juntamente à teoria de Winnicott, pensei as metáforas presentes no livro.

Os conceitos chave de saúde e criatividade propostos por D. W. Winnicott foram essenciais para construção de minha análise, tendo como principal metáfora o Pequeno Príncipe e sua rosa em uma relação mãe-bebê. Penso com isso que, partindo de uma consideração não óbvia deste que poderia ser um par romântico, mas sim os utilizando para analisar a relação de maternagem, foi possível utilizar-me da psicanálise para entendimento das questões implícitas que surgem em meio às linhas escritas pelo autor.

Adicionadas a essa metáfora inicial, pude pensar em outros personagens apresentados no livro e que muito representam sobre as diferentes relações humanas com o outro. A criatividade, como sentimento de uma vida repleta de sentidos, se mostra ausente nas figuras do Rei, Vaidoso, Empresário, Geógrafo, Bêbado e Acendedor de Lâmpadas, bem como presente na infância do autor, quando este desenhava sua jibóia. E o cativar apresentado pela raposa, como representante do cuidar em uma relação entre indivíduos, em especial entre o bebê e sua mãe

Foram escolhidos apenas alguns personagens para análise, de maneira a preservar o montante simbólico presente nas palavras deste livro. Sendo repleto de metáforas, símbolos e sentimento da primeira à última linha de O Pequeno Príncipe, deixo ao leitor interessado que, após conhecer os pontos por mim levantados, procure por si mesmo, na obra original, os sentimentos que ela irá lhe provocar.

Fico grata pela oportunidade de rever uma obra que me foi tão importante na infância à luz da teoria do grande psicanalista D. W. Winnicott.

Referências Bibliográficas

BARTUCCI, Giovanna, *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação*, Imago Ed, 2001.

CARVALHO, Ana Cecília “Impasses de uma crítica literária psicanalítica” in Brandão, Ruth S. (org), *A letra oblíqua – ensaios, literatura e psicanálise*, Belo Horizonte, Núcleo de Assessoramento à pesquisa da UFMG, s.d, PP.3-24 [s.d].

EXUPÉRY, Antoine de Saint, *O Pequeno Príncipe*, tradução Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro, Agir Ed, 2006.

FREUD, S. *Escritores Criativos e Devaneio*. In: *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago Ed, 1969.

GREEN, André. 1971, 1972; *O Desligamento: psicanálise, antropologia e literatura/ André Green*, tradução de Irene Cubric – Rio de Janeiro. Imago Ed; 1994.

HAMILTON, Edith. *A Mitologia*; tradução Maria Luísa Pinheiro, *Don Quixote – 5º edição*, 2004 – Lisboa.

MENESES, Adélia Bezerra de. “Do Poder da Palavra”. In: *Partes – a sua Revista Virtual*. Ano I, nº 9, 2000.

McLEISH, Kenneth. *Aristóteles*, tradução Raul Fiker, São Paulo: Unesp, 2000.

RISSIN, Ruth. *Psicanálise e Literatura*. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, *TRIEB* vol. VI – Rio de Janeiro, 2007.

VIANA, Terezinha de Camargo. *Fronteiras em Psicanálise*, Ed Exlibris, 2009.

WINNICOTT, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação; Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963), tradução Iríneo Constantino Schuch Ortiz – Porto Alegre. Artmed; reimpressão 2008.

WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade, Rio de Janeiro: imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. Tudo Começa em Casa; O conceito de indivíduo saudável, tradução Paulo Sandler, Martins Fontes – 4º edição, 2005 – São Paulo.

WINNICOTT, D. W. Tudo Começa em Casa; Vivendo de modo criativo, tradução Paulo Sandler, Martins Fontes – 4º edição, 2005 – São Paulo.

ZELLER, Renée. A Vida Secreta de Antoine de Saint-Exupéry, tradução Silvio Antunha, Madras Ed, 2006.